

SISTEMATIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA: IDENTIFICANDO AS DIFICULDADES NA IMPLANTAÇÃO

SANTOS, Ellen Tainá Tomé dos
Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva

MACEDO, Daniela Cristina
Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva

RESUMO

A SAE como item essencial para a prática do enfermeiro deve ser abordada em todos os seus possíveis campos. O presente artigo tem como objetivo identificar quais são as dificuldades que o profissional enfermeiro tem diariamente em implantar a Sistematização da Assistência de Enfermagem nas Unidades de Terapia Intensiva. O referencial teórico foi desenvolvido e baseado em dados bibliográficos, dados eletrônicos e artigos científicos, foram utilizados pesquisa no Scientific Eletronic Library Online (SciELO), Biblioteca digital de teses e dissertações da USP, e Revistas eletrônicas. Tem como fundamentação referencial sobre a dificuldade de implantação da Sistematização da Assistência de Enfermagem em Unidade de Terapia Intensiva. Os resultados dos estudos nos mostraram que os enfermeiros no campo da UTI reconhecem que a metodologia é importante e facilita em vários pontos do serviço, porém ainda se tem muitos profissionais que não conhecem a SAE a fundo e por isso não aplica a mesma em seu cotidiano, assim como a carga horária e a o número baixo de profissionais também impedem um serviço com maior qualidade.

Palavras-chaves: Cuidados intensivos; Enfermagem; SAE

Linha de pesquisa: Sistematização da Assistência de Enfermagem

ABSTRACT

SAE as an essential item for nurse practice should be addressed in all its possible fields. This article aims to identify the difficulties that the professional nurse has daily in implementing the Systematization of Nursing Care in Intensive Care Units. The theoretical framework was developed and based on bibliographic data, electronic data and scientific articles, research was used in the Scientific Electronic Library Online (SciELO), USP Digital Library of theses and dissertations, and Electronic journals. It is based on the difficulty of implementing the Systematization of Nursing Care in Intensive Care Unit. The results of the studies showed us that nurses in the field of UTI recognize that the methodology is important and facilitates in various points of the service, but there are still many professionals who do not know the SAE in depth and therefore does not apply it in their daily lives. , as well as the workload and the low number of professionals also prevent a higher quality service.

Keyword: Intensive Care; Nursing; SAE

Research line: systematization of nursing care.

1. INTRODUÇÃO

A enfermagem promove o cuidado, e a sistematização da assistência de enfermagem é a metodologia científica utilizada exclusivamente pelo enfermeiro para que se possa planejar e executar esse cuidado (CHAVES, 2009).

O Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), por meio da Resolução n. 358/2009, preconizou que a assistência de enfermagem deve ser sistematizada implantando-se o processo de enfermagem, seja ela em ambientes públicos ou privados onde se há o cuidado do profissional de enfermagem.

No Brasil o PE veio por meio da professora Wanda de Aguiar Horta, por volta de 1970, como ações relacionadas que visavam a assistência a pessoa por inteira (HORTA, 1979 apud CHAVES, 2009).

O PE promove uma assistência humanizada através de cuidados sistemáticos de contínua evolução (AMANTE; ROSSETTO; SCHNEIDER, 2009).

O PE é formado por cinco etapas que são relacionadas entre si, mas distintas ao mesmo tempo, elas são: investigação, diagnóstico, planejamento, implementação e avaliação, caso não seja efetuado todos estes passos o PE ficara inadequado e inapropriado (CHAVES, 2009, p. 35).

O primeiro passo é a investigação, onde, através de exame físico e anamnese irá se identificar problemas e a partir deles pontuar diagnósticos de enfermagem. Os enfermeiros iram traçar um planejamento a partir dos diagnóstios, e visando diminuir os problemas diagnosticados vão implementar cuidados, onde na quinta e ultima etapa do PE, a avaliação, irá se notar as respostas dos pacientes, após os cuidados prescritos pela enfermagem (MARTINS; CHIANCA; 2016).

Principalmente nos setores onde os cuidados são de maior complexidade é muito importante a implantação da metodologia SAE. Esses cuidados são prestados pelas (UTI's) Unidades de terapia intensiva (MARQUES et al., 2008).

A Unidade de Terapia Intensiva (UTI) como sendo um dos serviços hospitalares mais complexos das unidades de saúde, a implementação da SAE é de extrema importância nesse setor (OLIVEIRA et al., 2012).

O presente artigo tem como objetivo identificar quais são as dificuldades que o profissional enfermeiro tem diariamente em implantar a Sistematização da Assistência de Enfermagem nas Unidades de Terapia Intensiva.

O presente trabalho de revisão bibliográfica foi desenvolvido e baseado em dados bibliográficos, dados eletrônicos e artigos científicos no período de junho de 2019 a Setembro de 2019. Foram utilizados pesquisa no Scientific Electronic Library Online (SciELO), Biblioteca digital de teses e dissertações da USP, e Revistas eletrônicas. O idioma de materiais utilizado foi o português – BR. Tem como fundamentações referenciais sobre a Sistematização da Assistência de Enfermagem em Unidade de Terapia Intensiva.

2. DESENVOLVIMENTO

Por volta da década de 50, enfermeiros, levados por sede de conhecimento, começaram a acreditar que para tal conhecimento era necessário que se houvessem teorias para fundamentar suas ações. Com essa inovação foi possível maior descentralização do modelo biomédico de cuidado, muito utilizado na época. As teorias que foram então surgindo, mostraram que o centro do cuidado deveria ser o paciente, e não sua enfermidade. Atualmente as teorias vem sendo utilizadas como referências para cuidados, e na UTI, a teoria que normalmente é usada de referência é a das necessidades humanas básicas sustentada por Wanda Horta (AMANTE; ROSSETTO; SCHNEIDER, 2009).

Segundo Pereira, Pinho, Costa, et al., (2012) quando a parte teórica é inserida na assistência da enfermagem, possibilita que o cuidado ao paciente seja sensível e compreende as necessidades dele por inteiro.

O enfermeiro como líder da equipe de enfermagem proporciona a seus pacientes uma ação individualizada e apropriada a partir da aplicação da SAE, onde se é utilizado os diagnósticos de enfermagem que detectam como está à situação de saúde /doença dos clientes, e através destes se resulta nos cuidados de enfermagem integralmente baseados em conhecimentos científicos (AMANTE; ROSETTO; SCHNEIDER, 2009).

Como parte das ações do profissional enfermeiro esta o cuidado tanto direto como indireto, por tanto, voltado a gestão e gerência do cuidado. Através dessa gestão, é possível que se coordene a equipe de enfermagem, possibilitando ações diferenciadas (TORRES et al., 2011).

A SAE por mais comentada que seja, ainda é a minoria dos profissionais que a colocam em prática. Em UTI, um local de alta importância hospitalar, deve se ter a SAE muito bem implantada, pois é um lugar que deve ter extrema organização para a assistência a seus pacientes que se encontram em um quadro extremamente delicado, por esse motivo deve se abordar mais o tema de SAE na unidade de terapia intensiva (MASSAROLI; MARTINI; MASSAROLI, 2014).

A SAE é por tanto, um importante instrumento gerencial, utilizado para o planejamento, execução, controle e avaliação dos cuidados relacionados diretamente e indiretamente aos pacientes (TORRES et al., 2011).

Marques et al., (2008) nos falam que nas décadas de 1970 e 1980, alguns estudiosos da área de enfermagem estavam insatisfeitos com o método de cuidado utilizado nas UTIs, então estes, alertaram – se para a existência de necessidades tão significativa quanto aquelas existentes na esfera física usada na implementação da assistência. Mas, durante os anos foi notado nestas unidades, que por mais que haja a necessidade de se focar no “sensível” do paciente, o que predomina ainda é e controle e manutenção das funções vitais do corpo.

A assistência em UTI engloba diversos aparatos tecnológicos para obter informações dos pacientes, por isso a assistência de enfermagem e sua atenção devem ser divididas pelos dados que os equipamentos trazem, mas muitas das vezes faz com que se desfoque da complexidade do quadro do paciente. Por esse modo a SAE, que teve sua efetivação no Brasil em 2002, vem como ajuda para ampliar o olhar da

enfermagem em relação aos aspectos psicossociais, ambientais e fisiológicos do cliente baseando – se em raciocínios científicos e clínicos para tomar a melhor decisão para seu paciente (MASSAROLI, MARTINI E MASSAROLI, 2014).

Os enfermeiros que participaram do estudo de Andrade, Rocha e Amorim (2018), contaram que a implantação da SAE, trás inúmeras benefícios para o paciente, mas trás significantes melhorias para os profissionais e sua equipe também, lhes dando segurança em suas atividades e uma comunicação entre equipe de qualidade, criando autonomia e melhorando diretamente na assistência do cuidado.

Segundo Fernandes (2017), a eficácia da implantação da SAE já foi comprovada, mas a metodologia ainda sofre com resistência devido ao desconhecimento do processo por parte dos profissionais, carga horária excessiva e rotatividade elevada na UTI.

O estudo de Silva (2011) mostrou que num estudo com 73 enfermeiros, 54% deles destacou como dificuldade de implantação o reduzido número de profissionais, excesso de pacientes e sobrecarga de trabalho. Mas quando perguntado sobre as etapas da SAE, somente 23 sabiam descreve-la corretamente e 10 eram da UTI. Os profissionais também colocaram que há grande falta de motivação por parte dos mesmos para implantar a SAE, levando em consideração a parte institucional do ambiente de trabalho.

Dos fatores que dificultam a implantação da SAE, Oliveira (2012), identificou que á uma grande desvalorização do PE por parte do próprio profissional enfermeiro e ainda pouco domínio sobre a metodologia.

Conforme Medeiros, Santos e Cabral (2013), a carga horária excessiva do profissional enfermeiro juntamente com baixo número de profissionais nas instituições interfere diretamente no PE.

No estudo de Soares et al., (2015), participaram 32 enfermeiros de três hospitais do Sul de Minas, sendo um Hospital de ensino, um público e um privado, onde foram realizados 6 encontros. Os profissionais mostraram que uma das dificuldades de implementação é a falta de capacitações sobre SAE, onde a falta de conhecimento dos profissionais enfermeiros faz com que gere falta de aceitação do método por parte das

instituições.

Massaroli et al., (2015) o estudo foi desenvolvido em uma UTI de um hospital do Sul do Brasil, com 9 enfermeiros da escala profissional do setor. Identificaram também que os fatores que impossibilitam a SAE de ser implantada corretamente ainda é a falta de conhecimento por parte dos profissionais enfermeiros, a falta de capacitações por parte das instituições de saúde, falta de recursos materiais, além de registros errados e falta de prescrições adequadas.

A não utilização da SAE no setor pode acarretar muitas consequências, dentre elas, conflito entre profissionais, desorganização da assistência, contribuir para a desvalorização do enfermeiro, uso indevido e assim gastos excessivo de recursos materiais por falta de planejamento, além de perda de tempo, onde todos esses fatores vão ser diretamente influenciados na hora de prestar um cuidado com qualidade (MEDEIROS; SANTOS; CABRAL, 2013).

Os documentos referentes ao PE, incluindo o prontuário do paciente, fazem parte da SAE, trazendo uma maior visibilidade a profissão, um planejamento adequado, transparecendo na produtividade da equipe (COFEN, 2012).

Segundo Moser, et al., (2018) a documentação do paciente deve ser precisa e completa, mas erros ao escrever documentos pode acarretar em dados incoerentes e incompletos. Durante o estudo observou-se que há implantado no referido hospital um sistema informatizado, mais precisamente um software que auxilia em algumas etapas da SAE, mas que não é de conhecimento dos enfermeiros.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com todo o fundamento da existência de SAE hoje em unidades hospitalares, e centros que haja trabalho de profissionais enfermeiros, percebe – se a importância da SAE implantada na UTI, local que deve haver extrema organização para que o funcionamento seja eficaz e sem falhas.

Nota-se que no campo da UTI é preciso de uma SAE exemplar para assistência de qualidade e de forma que atenda todas as necessidades de seus pacientes da melhor forma possível.

Os estudos nos mostraram que os profissionais estão desmotivados para com o seu trabalho em relação a carga horária extrema de trabalho, alto número de pacientes, falta de recursos materiais, e o principal de todos a falta de conhecimento em relação a SAE.

O conhecimento da SAE para a implantação dessa metodologia é fundamental para o profissional enfermeiro, embora o mesmo não vem tendo o enfoque a altura da sua importância a partir das instituições de saúde.

É essencial que se busque os conhecimentos de tal metodologia, que é hoje, um instrumento fundamental para o trabalho do enfermeiro, a temática esta esquecida, precisa que se faça presente e recente para a melhoria da assistência, ano após ano.

4. REFERÊNCIAS

ANDRADE, P. M.; ROCHA, E.S.B.; AMORIM, S.M.R.; et al. Sistematização da assistência de enfermagem: vantagens e dificuldades na sua aplicação sob a ótica de enfermeiros. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**. Terezina – PI. 2018. Disponível em: <https://www.acervocientifico.com.br/index.php/saude/article/view/588/325>. Acesso em: 13 set. 2019.

AMANTE, L.N.; ROSSETO, A.P.; SCHNEIDER, D.G.; Sistematização da assistência de enfermagem em unidade de terapia intensiva sustentada pela teoria de Wanda Horta. **Revista escola de enfermagem da USP**. Santa Catarina, v. 43, n. 1, ago. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v43n1/07.pdf>. Acesso em: 05 set. 2019

CHAVES, L.D; **Sistematização da assistência de enfermagem – SAE**: considerações teóricas e aplicabilidade. 1.ed. São Paulo: Martinari, 2009. 146p.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM – COFEN (Brasil). **Resolução COFEN n. 358/2009**. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/resoluo-cofen-3582009_4384.html. . Acesso em: 10 set. 2019

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM – COFEN (Brasil). **Porque as anotações de enfermagem são importantes? O uso do carimbo é obrigatório?** 2012.

Disponível em: http://www.cofen.gov.br/por-que-as-anotacoes-de-enfermagem-sao-importantes-o-uso-do-carimbo-e-obrigatorio_15619.html. Acesso em: 23 set. 2019

FERNANDES, V.S. **Dificuldades na implementação da assistência de enfermagem em Unidades de Terapia Intensiva.** UNIT-Universidade Tiradentes. Maio 2017.

Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/index.php/cie/article/viewFile/6223/2148>. Acesso em: 10 set. 2019

HORTA, W.de A. **Processo de enfermagem.** São Paulo: EPU,1979. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v20n3/15.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2019

MARQUES, S. et al. Sistematização da assistência de enfermagem na UTI: Perspectivas dos enfermeiros da cidade de Governador Valadares. **Revista Mineira de Enfermagem.** 2008. p.469-476. Acessado em 20 jun.2019.

MARTINS, C.T.; CHIANCA, T.C.M.; **Construção de um software com o Processo de Enfermagem em Terapia Intensiva.** Belo Horizonte – MG. 2016. Disponível em: <http://www.jhi-sbis.saude.ws/ojs-jhi/index.php/jhi-sbis/article/view/420>. Acesso em: 23 set. 2019

MASSAROLI, R. et al. Trabalho de enfermagem em unidade de terapia intensiva e sua interface com a sistematização da assistência. **Escola Anna Nery revista de enfermagem.** 2015. p. 252 – 258. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452015000200252. Acesso em 15 ago 2019.

MASSAROLI, R.; MARTINI, J.G.; MASSAROLI, A.; Sistematização da assistência de enfermagem em terapia intensiva adulto: produção brasileira sobre o tema. **História de Enfermagem Revista Eletrônica.** 2014. p. 263 – 279. Disponível em: <http://enfermagem.bvs.br/lildbi/docsonline/get.php?id=248>. Acesso em: 13 set. 2019

MEDEIROS, A.L.; SANTOS, S.R.; CABRAL, R.W.L.; Sistematização da assistência de enfermagem: Dificuldades evidenciadas pela teoria fundamentada nos dados. **Rev. Enferm.** UERJ. Rio de Janeiro – RJ. 2013. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/6347>. Acesso em: 23 set. 2019



Moser DC, Silva GA, Maier SRO, Barbosa LC, Silva TG. Sistematização da Assistência de Enfermagem: percepção dos enfermeiros. **Rev Fun Care Online**. 2018 out/dez.

Disponível em:

http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/download/6296/pdf_1.

Acesso em 15 ago 2019.

OLIVEIRA, A.P.C.; COELHO, M.E.A.A.; ALMEIDA, V.C.F.; et al. Sistematização da assistência de enfermagem: Implementação em uma unidade de terapia intensiva. **Rev. RENE**. Fortaleza. 2012. Disponível em:

<http://www.redalyc.org/pdf/3240/324027982013.pdf>. . Acesso em: 13 set. 2019

PEREIRA, J.S.; PINHO, A.S.D.S.; COSTA, M.S.; et al. Saberes de enfermeiros acerca do processo de enfermagem à luz do modelo conceitual de Wanda de Aguiar Horta.

Revista de pesquisa: Cuidado é fundamental Online. UNIRIO. Vol. 4 num. 2. Rio de Janeiro – RJ. 2012. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/pdf/5057/505750893014.pdf>. . Acesso em: 10 set. 2019

SILVA, E.G.C.; OLIVEIRA, V.C.; NEVES, G.B.C.; GUIMARÃES, T.M.R.; O conhecimento do enfermeiro sobre a sistematização da assistência de enfermagem: teoria à prática. **Rev. Esc. Enferm. USP**. Recife – PE. 2011. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v45n6/v45n6a15.pdf>. . Acesso em: 13 set. 2019

SOARES, M.I.; RESCK, Z.M.R.; TERRA, F.S.; CAMELO, S.H.H.; Sistematização da assistência de enfermagem: facilidades e desafios do enfermeiro na gerência da assistência. **Escola Anna Nery. Revista de enfermagem**. 2015. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/ean/v19n1/1414-8145-ean-19-01-0047.pdf>. . Acesso em: 10 set. 2019.

TORRES, E. et al. Sistematização da assistência de enfermagem como ferramenta da gerência do cuidado: Estudo de caso. **Escola Anna Nery. Revista de enfermagem**. [S.l.], v. 15, n. 4, out – dez. 2011. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/ean/v15n4/a11v15n4.pdf>. Acesso em: 01 Nov. 2019.